



MULHERES NA FILOSOFIA: REFLEXÕES E EVIDÊNCIAS DA REALIDADE DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PARANAENSES

Eixo Temático 26 – Mulheres na Ciência: Conquistas e Desafios

Roseli de Oliveira Machado¹
Luciana Rosar Fornazari Klanovicz²

RESUMO

Nas últimas décadas, houve uma melhora significativa da representatividade feminina em diversas áreas da sociedade. A progressiva escolarização das mulheres brasileiras, intensificada na segunda metade do século XX, representou um fenômeno social marcante. A entrada feminina nas universidades e na ciência superou quantitativamente as assimetrias de gênero em muitos segmentos. Entretanto, a ciência foi historicamente um empreendimento quase exclusivamente masculino, com reflexos atuais, especialmente na filosofia, tradicionalmente dominada por homens. Este estudo analisa a presença de mulheres filósofas no Sistema Estadual de Ensino Superior do Paraná, traça o perfil das docentes atuantes e compara produção científica e atividades de orientação com seus pares masculinos, apontando que os dados podem ter relação com as raízes históricas da área e os desafios que as mulheres ainda enfrentam.

Palavras-chave: Gênero, Ciência, Universidades Paranaenses, Filosofia.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres conquistaram avanços significativos no campo educacional, atingindo atualmente um nível de instrução superior ao dos homens, mas ainda recebem, em média, 75% dos rendimentos deles, proporção ainda menor entre os que possuem ensino superior completo (IPEA, 2017).

1 Docente do Curso de Administração da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Integrante do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (CIEG), romachado@unicentro.br;

2 Docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO. Coordenadora do CIEG, lucianarfk@gmail.com.



O processo de feminização da educação superior é visível também na ocupação de postos docentes. Aproximadamente 47% do contingente atuante no nível superior é feminino, mantendo-se esse percentual quando consideradas apenas as universidades, instituições mais proeminentes do ensino superior brasileiro (INEP, 2020). Entretanto, tais avanços quantitativos não foram suficientes para erradicar as assimetrias de gênero nas instituições acadêmicas e científicas.

De fato, a ciência, tanto em uma antiga acepção aristotélica quanto em uma vertente iluminista, foi historicamente um empreendimento quase que exclusivamente masculino. Esse traço estrutural, como apontam Schiebinger (2001) e Harding (1988), produziu consequências duradouras para o desenvolvimento da ciência, criando ambientes e práticas marcadas por uma hegemonia masculina que ainda reverbera nos dias atuais.

Essa configuração histórica tem impactos especialmente evidentes em determinadas áreas do conhecimento, como a filosofia. A filosofia, enquanto campo de saber, foi predominantemente dominada por homens. Considerando que até os séculos XVIII e XIX, as mulheres não tiveram acesso formal à educação superior, incluindo-se aí os estudos filosóficos, essa área carece, ainda hoje, de referências femininas significativas. A histórica conexão entre a filosofia e a formação clerical — notadamente masculinizada — reforçou ainda mais esse padrão de exclusão, intensificando a masculinização desta área do conhecimento.

O Sistema Estadual de Ensino Superior do Paraná constitui um exemplo desse contexto mais amplo. Trata-se de uma rede composta por sete universidades públicas estaduais — Universidades Estaduais de Londrina, UEL, de Maringá, UEM, de Ponta Grossa, UEPG, do Oeste do Paraná, UNIOESTE, do Centro-Oeste, UNICENTRO, do Norte do Paraná, UENP e Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR — que empregam mais de oito mil docentes e concentram quase 40 mil vagas distribuídas entre cerca de 900 cursos de graduação e pós-graduação (MACHADO, 2023).

Este artigo tem por objetivo analisar a presença de mulheres filósofas no Sistema Estadual de Ensino Superior do Paraná, com foco na identificação de um perfil das docentes atuantes na área, sob a ótica de gênero.



O estudo parte de uma abordagem comparativa da produção científica e das atividades de orientação realizadas por essas docentes, em relação a seus pares do sexo masculino.

METODOLOGIA

O Paraná tem o segundo maior número de universidades públicas estaduais do Brasil, perdendo apenas para o estado de São Paulo, em número de unidades ou Câmpus universitários. A capacidade de formação profissional e de geração de conhecimento do conjunto dessas instituições pode ser inferida pela análise do quadro docente empregado, altamente qualificado (INEP, 2022).

Atualmente, integram o sistema de ensino, sete universidades públicas estaduais. Nessas instituições desenvolve-se a chamada carreira do Magistério Público do Ensino Superior do Paraná, objeto deste estudo. Trata-se de carreira é composta pelos cargos de Professor de Ensino Superior e os ocupantes destes cargos são responsáveis pelas atividades de ensino em nível de graduação e pós-graduação, pesquisa, extensão e gestão universitária no sistema (SETI, 2022).

Realizamos um estudo de caráter transversal contemplando dados do corpo docente efetivo das sete universidades estudadas. Coletamos informações de fontes oficiais envolvendo a constituição do quadro de pessoal e a atuação docente, segregados por sexo, de 2010 a 2020.

Usamos a variável sexo como uma aproximação para classificar os docentes dentro do sistema de gênero. Embora esta abordagem esteja distante de traduzir a diversidade de expressões de gênero, foi a única forma encontrada para a análise dos dados tendo em vista que o cadastro de pessoal emprega tal metodologia no Paraná.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As sete universidades estaduais paranaenses contam com 5.458 docentes efetivos, destes, 2.806 (51,4%) são homens e 2.652 (48,6%) são mulheres. Embora esses percentuais sejam ligeiramente diferentes dos observados em nosso país, dado que a população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres (Instituto



(IBGE, 2019), mostram que o processo de feminilização da atividade docente vivenciado ao longo dos séculos XIX e XX, e que, inicialmente, ocorria em instituições de ensino fundamental, e, posteriormente, atingiu todos os níveis de ensino, também chegou às universidades estaduais paranaenses.

Além disso, as proporções verificadas no Paraná não são distintas daquelas encontradas nacionalmente no mesmo período, de que, do total de professores(as) em exercício no nível de ensino considerado, 53% são homens e 47% mulheres (INEP, 2022). No Quadro 1, apresentamos indicadores relativos ao perfil docente do sistema de ensino estudado.

Quadro 1 – Perfil do quadro docente efetivo, universidades estaduais paranaenses

Indicadores de perfil docente	Mulheres	Homens
Percentual atual no sistema	48,60%	51,40%
Idade média (média, anos completos)	48,6 anos	50,3 anos
Tempo de casa (média, anos completos)	14,8 anos	16,7 anos
Têm doutorado	80,70%	77,70%
Grande área do conhecimento (segundo CNPq)	Linguística, Letras e Artes	Engenharias
Declaram-se de pele branca	93,90%	93,10%

Nota: Percentual de docentes que se declaram de pele branca calculado apenas entre os respondentes, excluindo a categoria "não informado".

Constatamos que, em média, os homens são ligeiramente mais velhos (50,3 anos) e têm carreiras mais longas (16,7 anos) do que as mulheres (idade média de 48,6 anos e 14,8 anos de carreira). No tocante à titulação, notamos que as mulheres superaram seus pares do sexo masculino, proporcionalmente e como um grupo, em termos de titulação.

Seguindo padrões nacionais e internacionais, Linguística, Letras e Artes apresenta-se como a área de conhecimento mais feminilizada. Em contrapartida, as áreas de Engenharia e Ciências Exatas e da Terra são bastante masculinizadas no sistema de ensino estudado.

A comparação das proporções de professores de pele branca no sistema estudado com dados populacionais, revela grandes disparidades e evidencia a existência de uma bolha. Ao passo em que 42,7% da população nacional declara-se branca, esse percentual



assume 93,5% do quadro docente investigado. Pardos e pretos são 46,8% e 9,4% da população do país, e no sistema estudado, representam somente 3,7% e 1,2% do corpo docente, respectivamente.

A análise do perfil de docentes da área de conhecimento da filosofia revela uma expressiva sub-representação feminina. Conforme Tabela 1, o sistema conta com 100 docentes vinculados(as) à área de conhecimento, dos quais 83% são homens e apenas 17% são mulheres. A distribuição institucional evidencia que não há paridade em nenhuma das sete universidades públicas estaduais.

Tabela 1 – Perfil do quadro docente efetivo, segundo a área de conhecimento filosofia

Instituição	Masculino	Feminino	Total
UEL	17	7	24
UEM	14	2	16
UNIOESTE	24	5	29
UEPG	1	0	1
UNICENTRO	10	0	10
UENP	3	1	4
UNESPAR	14	2	16
Total	83	17	100

O Quadro 2 a seguir sintetiza os principais indicadores de perfil do corpo docente da área de Filosofia no sistema, discriminados por gênero.

Quadro 2 – Perfil do quadro docente efetivo na área de conhecimento de Filosofia, universidades estaduais paranaenses

Indicadores de perfil docente	Mulheres	Homens
Percentual atual no sistema	17,0%	83,0%
Idade média (média, anos completos)	48,6 anos	50,2 anos
Tempo de casa (média, anos completos)	12,2 anos	16,6 anos
Têm doutorado	94,1%	90,4%
Declararam-se de pele branca	100.0%	90.2%

Nota: Percentual de docentes que se declaram de pele branca calculado apenas entre os respondentes, excluindo a categoria "não informado".

Quanto à idade e tempo de trabalho, em média, as docentes de Filosofia possuem uma idade de 48,6 anos, com tempo de trabalho médio de 12,2 anos. Já os homens apresentam uma idade média de 50,2 anos e um tempo médio de trabalho de 16,6 anos.



Ou seja, as mulheres docentes são, em média, mais jovens e possuem menos tempo de inserção profissional na carreira acadêmica em comparação aos seus colegas homens.

No tocante à escolaridade, a maior parte dos docentes, independentemente do gênero, possui título de doutorado, sendo que 91% dos docentes são doutores (75 homens e 16 mulheres). Esse perfil evidencia um quadro de alta qualificação, tanto entre homens quanto entre mulheres, com praticamente todas as docentes mulheres possuindo o doutorado. Complementarmente, a análise da distribuição segundo a cor da pele também revela um perfil marcado pela predominância de docentes brancos

A participação como membro efetivo em Programas de Pós-Graduação mostra-se relativamente equilibrada entre homens e mulheres, mas ainda há uma ligeira diferença. Entre os homens, 41 são membros efetivos e 42 não participam. Entre as mulheres, 7 são membros efetivos e 10 não participam. Assim, cerca de 41% das mulheres participam como membro efetivo em programas de pós-graduação, proporção ligeiramente inferior à masculina.

A Tabela 2 sintetiza as médias anuais, ao longo da última década, da produção científica e das atividades de orientação realizadas por docentes de Filosofia, discriminadas por gênero, contemplando artigos, capítulos, livros, bem como orientações na graduação e pós-graduação.

Tabela 2 — Síntese da produção científica e das atividades de orientação, universidades estaduais paranaenses - Filosofia

Indicadores	Mulheres	Homens
Produção Científica (média anual)	2,73	2,35
Orientações de Pós-Graduação (média anual)	0,3	0,49
Orientações de Graduação (média anual)	1,53	1,19
Artigos publicados em periódicos (média anual)	0,64	0,83
Capítulos de livros publicados (média anual)	0,89	0,72
Livros editados ou organizados (média anual)	0,34	0,2
Livros publicados (média anual)	0,06	0,11

Na dimensão da produção científica e da atuação formativa, os dados apontam nuances importantes. As mulheres docentes apresentaram uma média anual de produção científica superior à dos homens: 2,73 itens frente a 2,35 itens para os homens. Essa diferença, embora modesta, evidencia que as mulheres que ocupam esse espaço o fazem



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

com um padrão de produtividade intensa, desafiando estereótipos sobre a atuação acadêmica feminina.

Na atuação como orientadoras de pós-graduação, contudo, as mulheres possuem uma média inferior (0,30 orientações anuais) em relação aos homens (0,49). Esse dado pode refletir barreiras institucionais ao acesso e à permanência feminina como orientadoras em programas *stricto sensu*, ou indicar que as mulheres são mais recentes nessas funções, em consonância com seu menor tempo de inserção na carreira.

Por outro lado, as mulheres orientam mais frequentemente na graduação, com uma média de 1,53 orientações anuais, superior à média masculina (1,19). Este resultado sugere uma tendência à maior dedicação feminina às atividades pedagógicas na formação inicial de estudantes, alinhada a padrões institucionais e culturais que historicamente associam as mulheres a funções educacionais e de cuidado.

Na análise específica das publicações, verifica-se que as mulheres publicam menos artigos em periódicos (0,64 frente a 0,83), mas superam os homens na publicação de capítulos de livros (0,89 frente a 0,72) e na organização de obras coletivas (0,34 frente a 0,20). Esses dados indicam possíveis estratégias distintas de inserção acadêmica: enquanto os homens mantêm uma leve superioridade na publicação periódica, as mulheres se destacam na produção colaborativa e na organização de livros e coletâneas, espaços importantes de construção e circulação de conhecimento.

Por fim, a publicação de livros autorais apresenta médias baixas para ambos os gêneros, com leve superioridade masculina (0,11 para homens e 0,06 para mulheres), apontando para um campo onde a produção científica é mais intensamente concentrada em artigos e capítulos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a presença de mulheres filósofas nas universidades estaduais do Paraná, traçar o perfil das docentes atuantes, bem como comparar a produção científica e as atividades de orientação realizadas por essas docentes em relação a seus pares masculinos. Os principais resultados indicaram que, embora as mulheres representem apenas 17% do corpo docente da área de Filosofia, elas possuem elevada qualificação acadêmica, com destaque para o percentual de



doutoras, e apresentaram uma média anual de produção científica superior à dos homens. Além disso, as mulheres se destacaram na orientação de trabalhos de graduação e na organização de livros, embora permaneçam menos inseridas nos programas de pós-graduação e tenham menor produção de artigos em periódicos.

Os dados levantados revelam a permanência de um perfil docente majoritariamente masculino e branco, além de evidenciarem as barreiras que as mulheres ainda enfrentam para se inserir e se consolidar na carreira acadêmica na área da Filosofia. As assimetrias observadas podem estar associadas tanto às raízes históricas que marcaram a exclusão feminina do campo filosófico, como às dinâmicas institucionais contemporâneas que limitam sua plena participação, especialmente em espaços de prestígio acadêmico, como a pós-graduação e as publicações em periódicos de circulação internacional.

REFERÊNCIAS

HARDING, Sandra. *Feminism and methodology: social science issues*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Conheça o Brasil – População*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Sinopse estatística da educação superior 2020*. Brasília: INEP, 2022.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Brasília: IPEA, 2017.

MACHADO, Roseli de Oliveira. *Todos iguais, mas uns mais iguais que os outros: relações de gênero na carreira universitária do Paraná*. 2023. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, 2023.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução de Valéria F. da Silva. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SETI – SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR DO PARANÁ. *Portal da Transparência – Estrutura Organizacional*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2022.